



O HISTORIADOR

Informativo da Academia de Estudo de Assuntos Históricos – Ano 4 – abril 2009

Heróis da FEB - Sgt Max Wolff Filho

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS

Por Sgt Ricardo Vieira – Colaborador da AEAH

“ESCOLA SARGENTO MAX WOLFF FILHO”

Max Wolff Filho (Rio Negro, 29 de julho de 1912 — Biscoia, 12 de abril de 1945) foi um militar expedicionário da FEB.

Alistou-se em Curitiba, aos 18 anos, no 15º Batalhão de Caçadores, unidade extinta cujas instalações são hoje ocupadas pelo 20º BIB. No ano de 1944, apresentou-se voluntariamente para compor a Força Expedicionária Brasileira, integrando a então 1ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria (11º RI), de São João del-Rei (MG).

Destacou-se por sua bravura no decorrer da Guerra, tornando-se conhecido pelo seu destemor, intrepidez e abnegação. Suas façanhas eram proclamadas pelas partes de combate e por vários correspondentes de guerra das imprensas nacional e estrangeira. No dia 12 de abril de 1945, o 11º RI recebeu a missão de reconhecer a região de Monte Forte e Biscoia, a denominada “terra de ninguém”. O sargento Wolff foi voluntário para comandar a patrulha de reconhecimento, que foi constituída por 19 militares que se haviam destacado por competência e bravura em outros combates.

Nessa missão, foi fatalmente atingido por uma rajada de metralhadora alemã, que o atingiu na altura do peito. Somente vários dias após seu passamento o corpo do sargento Max Wolff Filho foi encontrado. Foi agraciado post mortem com as medalhas de Campanha de Sangue e Cruz de Combate, do Brasil; e com a medalha Bronze Star, dos Estados Unidos da América. Foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro, em Pistóia, na Itália; posteriormente, seus restos mortais foram trasladados para o Brasil. Em sua homenagem, a Escola de Sargentos das Armas (EsSA) leva seu nome como patrono.



Sargento Max Wolf Filho à frente de seus homens

A rajada de metralhadora rasgou o peito do Sargento MAX WOLFF FILHO. Instintivamente, ele juntou as mãos sobre o ventre e caiu de bruços. Não se mexeu mais. O tenente que estava no posto de observação apertou os dentes com força, mas não disse uma palavra. Quando perguntado se o homem que havia tombado era o Sargento Wolff, ele balançou afirmativamente a cabeça. Menos de uma hora antes, falara de sua filha, uma menina de 10 anos de idade, e de sua condição de viúvo. Pediu para que enviassem um bilhete com os dizeres: *"Aos parentes e amigos. Estou bem. À querida filhinha, Papai vai bem e voltará breve"*.

As últimas palavras do sargento a um dos soldados que lhe pedira uma faca e ele respondeu sorrindo: *"Tedesco não é frango"*. Wolff havia partido com seus homens, por sebes e ravinas, percorrendo a denominada "Terra de Ninguém". O primeiro objetivo da patrulha eram três casas, a menos de um quilômetro, que foram atingidas às duas horas da tarde. O grupo cercou as construções em ruínas e o sargento empurrou com o pé a porta de uma delas, nada encontrando. Às duas e meia da tarde, a patrulha estava a menos de cem metros do último objetivo a ser atingido: um novo grupo de casas sobre uma lombada macia. O Sargento Wolff



O HISTORIADOR

Informativo da Academia de Estudo de Assuntos Históricos – Ano 4 – abril 2009

deu os últimos passos à frente. Então, uma rajada curta e nervosa rasgou o silêncio do vale e o sargento caiu de bruços sobre a grama. Os outros homens se agacharam, rápidos, e os alemães começaram a atirar, bloqueando a progressão dos brasileiros com uma chuva de granadas e tiros de metralhadoras. Lançaram, em seguida, foguetes luminosos, pedindo fogos de suas baterias. Minutos depois, os projetis da artilharia nazista rasgavam o ar e explodiam no caminho percorrido pela patrulha. Por volta das dezenove horas, os homens da patrulha do Sargento MAX WOLFF FILHO retornaram ao PC do 11º RI. Mas ele ficara lá. Quando os padioleiros foram até a TERRA DE NINGUÉM recolher os corpos e os feridos, os nazistas os receberam com rajadas impiedosas. Muitos dos homens que voltaram tinham os olhos rasos de água. O Sargento estava morto. No estreito compartimento onde Wolff guardava seus pertences, estavam a condecoração que o General TRUSCOTT colocara em seu peito, poucos dias antes, a citação elogiosa do General MASCARENHAS e o retrato da filhinha, de olhos vivos e brilhantes como os do pai. Tudo, agora, muito vago.



Monumento Patrulha Sargento Max Wolff Filho

MONTESE

A mais sangrenta vitória da FEB

Por Edinaldo Reis da Silva – Colaborador da AEAH



Apeninos, Norte da Itália, 14 de abril de 1945. Sob o vento frio do início da primavera, os pracinhas escreveram, com atos de heroísmo, abnegação e profissionalismo, a página mais sangrenta dos combates travados pela Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Montese era um dos fortes bastiões da famosa

“Linha Gengis Khan” – conjunto de posições fortificadas alemãs estabelecidas sobre os últimos contrafortes da cadeia montanhosa dos Apeninos. Sua ruptura permitiria às tropas aliadas alcançar a planície do rio do Pó e daí os Alpes, consolidando, assim, a reconquista do território italiano.



O HISTORIADOR

Informativo da Academia de Estudo de Assuntos Históricos – Ano 4 – abril 2009

Os combates pela tomada daquele baluarte assinalaram o início da ofensiva aliada da primavera no setor do IV Corpo-de-Exército estadunidense (IV C Ex), ao qual a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) estava integrada.

As tropas brasileiras receberam a missão de conquistar o maciço de Montese e cobrir o flanco esquerdo da 10ª Divisão de Montanha.

No dia 14 de abril de 1945, a 1ª DIE venceu uma das batalhas mais difíceis empreendidas em território europeu. Deparou com adversário de elevado valor combativo, disposto a não ceder, e instalado em terreno propício à defesa, minado e sob intensos fogos. A despeito das dificuldades impostas, um batalhão do 11º Regimento de Infantaria conseguiu penetrar na vila de Montese, ainda na tarde daquele dia.

Extraordinária foi a resistência demonstrada pela 1ª DIE na consolidação e manutenção das áreas conquistadas, uma vez que, nas jornadas seguintes, o contra-ataque alemão foi feroz. Nos dias e noites subseqüentes a luta prosseguiu intensa. Montese recebeu da artilharia alemã mais tiros de morteiro e de canhão que toda a frente do IV C Ex.

Mas nada conseguiu arrefecer o ímpeto dos pracinhas. As posições conquistadas foram consolidadas e outras elevações capturadas.

Indelévels foram as palavras proferidas pelo comandante do IV C EX, General Crittenger, no alvorecer de 15 de abril: “Na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho do seu feito e seu espírito ofensivo, a divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade.”

Exemplo de superação de desafios, o feito dos pracinhas em Montese, somado às vitórias obtidas pelos aliados em Vergeto, Tole, Monte Mosca, Monte Pero, Monte Sole, Monterumici e

Monte Adone, desmantelaram o dispositivo alemão no Norte da Itália, contribuindo, decisivamente, para o fim da II Guerra Mundial.

Ao comemorarmos o aniversário da Tomada de Montese, o Exército Brasileiro rende justa homenagem aos bravos combatentes da FEB que, em território estrangeiro, evidenciaram, sobejamente, exemplos de audácia, bravura, desprendimento, espírito de cumprimento da missão e sacrifício – virtudes imprescindíveis ao Soldado brasileiro.

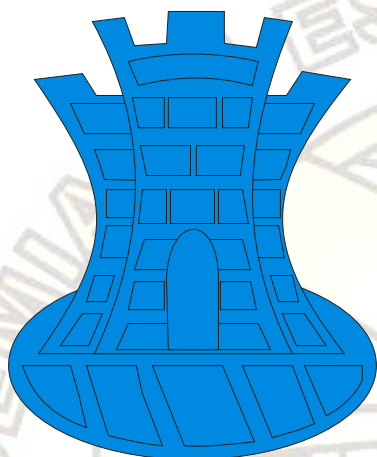


O HISTORIADOR

Informativo da Academia de Estudo de Assuntos Históricos – Ano 4 – abril 2009

Dia da Engenharia

“A Engenharia é a arma de apoio ao combate que tem como missão principal apoiar a mobilidade, a contramobilidade e a proteção, caracterizando-se como um fator multiplicador do poder de combate.” (C5-1, *Emprego da Engenharia*, 3ª edição - 1999.)



O “castelo lendário da Arma azul-turquesa” – símbolo da Arma de Engenharia – representa uma grande residência fortificada, uma idéia de algo inexpugnável, intransponível e inabalável – uma fortaleza – verdadeiro estereótipo de nobreza, fidalguia, casa do combatente magnânimo, persistente e corajoso.



João Carlos de Villagran Cabrita nasceu em Montevidéu, capital do Uruguai, a 30 de dezembro de 1820, no tempo em que aquele território estava anexado ao domínio português por ato de conquista

de D. João VI. Portanto, é considerado brasileiro, porque a então Província Cisplatina pertencia ao Brasil; e porque toda a sua vida foi dedicada à causa nacional e ao Exército Brasileiro.

Villagran Cabrita ingressou no Exército em 13 de janeiro de 1840 e foi reconhecido cadete de 1ª classe logo depois. Aos 22 anos, era alferes-aluno. Bacharel em Matemática e Ciências Físicas, esteve no Paraguai como 1º tenente, onde atuou como instrutor para oficiais do Exército daquele país e projetou a Fortaleza de Humaitá.

Villagran regressou ao Brasil em 1852. Aqui, continuou com o brilho de sua carreira participando, em 1865, da criação do 1º Batalhão de Engenharia — situado na então Escola de Aplicação do Exército, onde hoje existe a Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro —, uma necessidade sentida desde a guerra contra Oribe e Rosas. Ano seguinte, já como tenente-coronel, mercê de seus méritos pessoais e do desempenho em ação, assumiria o comando dessa unidade no teatro de operações da Campanha da Tríplice Aliança.

O Exército aliado rumava contra o inimigo quando deparou-se com o rio Paraná. Era necessário transpor, com urgência, aquele obstáculo, e o local denominado Passo da Pátria permitia melhores condições para a transposição. No meio do rio, frente ao inimigo Forte de Itapiru, havia um grande banco de areia, coberto por vegetação, a ilha de Redenção. Nela desembarcaram Villagran Cabrita e seus quase mil homens do 1º Batalhão de Engenharia, na madrugada de 6 de abril de 1866, junto com alguns canhões e morteiros, para somarem-se ao 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, ao 14º Provisório de Infantaria e aos demais voluntários para o combate.

Os soldados trabalharam intensamente preparando a defesa da ilha. Quatro dias depois, mais de dez mil adversários contra-atacaram os brasileiros. A luta foi renhida. Mas, apoiadas pela



O HISTORIADOR

Informativo da Academia de Estudo de Assuntos Históricos – Ano 4 – abril 2009

Engenharia, as forças aliadas sobrepujaram as tropas paraguaias.

As sete horas do dia 10 de abril de 1866, os toques de clarim não deixavam dúvida sobre o resultado da ação brasileira na refrega. Lamentavelmente, nesse mesmo dia, ao redigir a parte de combate, Villagran Cabrita foi alvo da artilharia inimiga que permanecia de tocaia, e perdeu a vida após o seu maior feito militar, aos 46 anos de idade.

A Arma de Engenharia comemora, pois, seu dia na data de 10 de abril. Não é a data do natalício de seu patrono; é a lembrança da passagem em que o grande líder e herói Villagran Cabrita entrou para a História, no seu posto de combate, após garantir às nossas forças a entrada no território inimigo.

A Engenharia Militar Brasileira na atualidade

Depositárias de tão expressivo legado histórico, as organizações militares de Engenharia garantem a soberania nacional, mantendo-se permanentemente alertas e adestradas para a defesa do território pátrio, cooperam com o desenvolvimento do País, integrando as regiões mais distantes do território, e apoiam a população em casos de calamidade pública.

Os trabalhos da Engenharia Militar Brasileira têm extrapolado o território nacional, com atuações recentes em missão de paz em Angola, e, na atualidade, realizando a desminagem de áreas na América Central.

Intendência

12 de Abril



Nascido em 12 de abril de 1840, o marechal **Carlos Machado Bitencourt** demonstrou desde jovem seu pendor para a carreira das armas – uma tradição de família, pois militares também foram o avô e o pai. Da Guerra da Tríplice Aliança, em que participou como tenente, até a campanha de Canudos, esse grande personagem da história brasileira praticou atos de bravura e arrojo que o fizeram conquistar a admiração e o respeito de toda a Nação.

Naquele primeiro conflito, destacou-se na travessia do Chaco, no desembarque em Santo Antônio, na passagem da Ponte de Itororó, nas Batalhas de Avaí, Lomas Valentinas, Ita-Ibaté, Piquissiri e na rendição de Angostura. Empossado como Ministro da Guerra, em 1897, o Marechal Bitencourt defrontou-se com o sinistro episódio de Canudos. Seguindo para a área, onde logo constatou que o maior óbice ao sucesso das tropas era a deficiência de suprimentos, passou a cuidar pessoalmente do apoio logístico às operações. Essa



O HISTORIADOR

Informativo da Academia de Estudo de Assuntos Históricos – Ano 4 – abril 2009

providência contribuiu decisivamente para a pacificação, em curto prazo, da região.

Um mês após o término da campanha, já no Rio de Janeiro, quando o presidente da República, **Prudente de Moraes**, acompanhado de seu Ministério, estava no Arsenal de Guerra para receber e prestar a justa homenagem à tropa vencedora, **Bitencourt** evita heroicamente atentado à vida do mandatário da Nação, mas acaba sofrendo golpes mortais de arma branca.

Sua morte consternou o País e legou a todos os brasileiros exemplos de devotamento à carreira e aos ideais patrióticos, de desprendimento, abnegação e espírito de sacrifício no cumprimento do dever. Sua escolha para Patrono do Serviço de Intendência, em 5 de abril de 1940, foi o justo reconhecimento de seus gloriosos méritos e de seu exemplo para todas as gerações de intendentess de nosso Exército.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA INTENDÊNCIA



A História da Intendência Brasileira remonta ao início da colonização do território nacional. Em 1549, o primeiro Governador-Geral da Colônia, Tomé de Souza, trouxe seiscentos homens em armas, grande quantidade de material bélico e a primeira lei orgânica da Força Armada no Brasil, iniciando aí a história da administração do Exército.



Somente com a vinda da Família Real Portuguesa, em 1808, a administração militar teve novo impulso. O Comando do Exército foi unificado, e criaram-se várias organizações militares, entre elas o Arsenal Real do Exército e o Comissariado Militar do Brasil (órgão provedor de gêneros alimentícios).

As diversas campanhas enfrentadas pelo Império na Bacia do Prata forneceram uma lista de imprevistos, dificuldades, faltas, falhas e lacunas no que concerne às atividades de suprimento.

A despeito das adversidades, o soldado brasileiro conseguiu triunfar. De toda forma, não houve reestruturação do sistema logístico, e as dificuldades permaneceram.



O HISTORIADOR

Informativo da Academia de Estudos de Assuntos Históricos – Ano 4 – abril 2009

COLABORE COM NOSSO INFORMATIVO

Você que é um apreciador de nossa História Militar e queira colaborar com o nosso informativo, com artigos, fotos, curiosidades e sugestões, envie para – academiahistoria@hotmail.com.

Contatos da AEAH www.academiahistoria.org

Endereço:

Rua José Barnabé de Mesquita, 258 – Bairro Santo Antônio – Campo Grande-MS – CEP 79.100-200

Telefones:

(67) 3361-8525(fax), (67) 9278-0904, (66) 9203-8043

APOIO CULTURAL:

COLÉGIO E CURSO GERAÇÃO 2001

Há 14 anos o curso que mais aprova para o concurso de Sargento do Exército em todo Centro-Oeste brasileiro.

www.geracao2001.com.br

